

# MARAJÓ: UMA GRANDE AVENTURA DE EVANGELIZAÇÃO

Na Amazônia brasileira, concretamente na foz do grande rio Amazonas, encontra-se a Prelazia do Marajó, onde os agostinianos recoletos da Província de Santo Tomas de Vilanova continuam realizando tarefas de evangelização, assumindo três das dez Paróquias da Missão e o bispo da mesma, Dom José Luis Azcona, é também agostiniano recoleto. Na medida em que o clero diocesano vai aumentando, os agostinianos recoletos vamos entregando espaço para eles. Assim, no mês de abril de 2009, depois de 64 anos de um grande trabalho missionário, entregamos ao bispo a Paróquia de Afuá e quatro anos antes tínhamos entregue a Paróquia de Chaves. O Reino de Deus está sendo construído no Marajó e os agostinianos recoletos estamos colaborando nessa construção. Seguindo o pensamento de Santo Agostino, devemos estar onde a Igreja precisa de nós. Justamente é por isso que continua nossa presença missionária no Marajó.

## 1. DIMENSÃO SOCIAL

Marajó é a maior ilha fluvial do mundo. Propriamente é um arquipélago formado por centenas de rios e de ilhas. Ao longo da história, Marajó teve nomes diferentes. Antes do século XV, chamava-se “*Terra dos Nheengaibas*”. No século XVI era chamada pelos indígenas de “*Marinatambal*”. Após o descobrimento, começou a ser chamada de “*Ilha Grande de Joanes*”. Marajó na língua tupi significa “*Muralha do Mar*”.

Os mais antigos povoadores conhecidos foram os índios Aruanás, que procediam das tribos dos Aruás, provenientes do atual Estado do Amapá, que foram os primeiros índios evangelizados pelo famoso missionário Pe. Antônio Vieira, os quais eram numerosos na costa de Chaves.

No ano de 1832 dez mil pessoas da raça negra foram trazidas como escravos da África à ilha do Marajó. Este fato foi determinante na história do Marajó. Pois, a partir dessa época, foram se misturando entre si raças diferentes: indígenas, negros e brancos. Esta mistura deu como resultado final uma raça própria: o homem e a mulher marajoaras. Em geral, nem são indígenas, nem negros, nem brancos.

Também encontramos muitos casos, nos quais as raças conservam sua identidade própria. Assim, na parte dos campos, ou seja, Salvaterra, Soure e uma parte Chaves, têm povoados onde a maioria da população é de raça negra. Assim, só no município de Salvaterra existem aproximadamente 15 comunidades quilombolas. Em meio desta diversidade de raças, existe muito respeito e tolerância. No Marajó não existe o preconceito racial.

Marajó forma parte da grande planície amazônica. Aqui não existem montanhas. A ilha é uma imensa planura de água e matas. Os marajoaras só conhecem as montanhas através da televisão. O ponto de mais alto está no município de Breves e tem 40 metros.

O clima do Marajó é como a maior parte da região amazônica: equatorial húmido. Somente existem duas estações: o período das chuvas, que vai de janeiro até junho, e o verão, que vai de julho até dezembro, que é bastante seco.

A ilha do Marajó se divide em dois setores: os campos e as ilhas. Aos campos pertencem os municípios de Soure, Salvaterra e parte do município de Chaves. E ao setor das ilhas pertencem os municípios de Afuá, Anajás Breves e Melgaço. E fora da ilha do Marajó tem mais dois municípios que formam parte da Prelazia do Marajó: Portel e Bagre.

No setor dos campos existem muitas fazendas, onde predomina o búfalo, que é um animal que se adapta muito bem no Marajó. Conheci uma fazenda no município de Chaves que tinha mais de 30.000 cabeças de gado, maioria eram búfalos. Justamente no Marajó existe a maior criação de búfalos do Brasil.

Nos municípios do setor das ilhas, a maior parte das suas terras está alagada nos meses das chuvas, dificultando assim durante esse período os trabalhos agrícolas. Porém, na época das chuvas os pequenos rios, aqui chamados de igarapés, facilitam, por exemplo, o transporte da madeira que é cortada longe dos grandes rios. E pelos igarapés também os ribeirinhos saem de noite em pequenas embarcações a remo, que no Marajó são chamadas de botes, para realizar tarefas de caça, atividade tão importante para o povo se alimentar.

E quais são os meios de vida deste povo? Além da caça na selva, os principais são: o extrativismo da madeira, a pescaria, a criação, o cultivo da mandioca, do arroz, do milho, do palmito e o açaí. E tudo isto em pequena escala. E é a família toda que se envolve nestes trabalhos. Têm crianças que com 4 anos já sabem descascar a mandioca, da qual preparam a farinha, alimento básico da cultura marajoara, junto com o açaí. Cada família tem sua lavoura rodeada do mato e lá cultiva suas plantações. Aliás, normalmente as famílias têm vários hortos e vão revezando o cultivo a cada ano, pois praticamente continuam com os mesmos sistemas agrícolas dos indígenas; ou seja, não lavram a terra e sim a deixam descansar por dois ou três anos. Quer dizer, a economia do Marajó está parada no tempo, não se modernizou.

No passado houve um extrativismo descontrolado e continua existindo em alguns lugares. E, por tanto, as grandes empresas, que chegam de fora, estão terminando com a madeira, enganando aos ribeirinhos. Aqui não existem empresas, indústrias, não. Pelo número dos funcionários, as maiores empresas e quase as únicas são as Prefeituras.

Como consequência da falta de desenvolvimento e de emprego, mais do 90% da população é pobre e uma grande maioria vive uma situação de miséria. E o índice de desenvolvimento econômico está muito embaixo da meia do Estado do Pará.

Na área da educação, têm municípios do Marajó que ocupam o primeiro lugar entre aqueles que têm mais crianças fora da escola. O sistema da saúde está também fracassado: sem médicos na zona rural e apenas 2 ou 3 nas maioria das cidades, com dificuldades para adquirir remédios, com alta mortalidade infantil, etc. Por exemplo, Portel, o mais extenso município do Marajó, com uma extensão de 25.384 Km<sup>2</sup>, tem apenas três médicos na cidade. Tem comunidades rurais a uma distância da cidade de mais de 30 horas de barco que, portanto, estão a essa distância do hospital, pois em toda essa grande extensão só existe o hospital da cidade. A cidade de Breves é a mais desenvolvida. Por exemplo, tem um hospital regional, que é o mais completo da ilha.

Ao longo das últimas décadas estão se agravando as condições de pobreza do povo do Marajó. Em um estudo das Nações Unidas sobre o Índice de Desenvolvimento Humano, aparece a pobreza do povo marajoara. Por exemplo, entre os 4.492 municípios do Brasil, um município de Marajó, Melgaço, está no lugar 4.488. E todos os municípios do Marajó estão debaixo da linha da pobreza e se encontram dentro do mapa de exclusão social do Brasil.

E também a meia do IDH dos municípios do Marajó está mui por debaixo da meia do Estado do Pará. Sabemos que o IDH foi criado pelas Nações Unidas para determinar adequadamente as condições da vida dos povos, incluindo três aspetos importantes: a esperança de vida, o nível da educação e a renda per capita. Pois bem, segundo esses critérios, as condições de vida do povo marajoara são de grande pobreza, que será irreversível, se os políticos não apresentam uma saída digna para esta situação lamentável que se encontra Marajó. Para as vozes mais autorizadas, como a voz do nosso bispo Dom José Luis Azcona, Marajó não tem outra saída mais digna que se tornar um Território Federal.

E nos últimos anos a situação econômica e social do Marajó ainda está mais complicada, devido ao extrativismo indiscriminado e total da floresta. Durante muitos anos se cortou madeira sem controle, talvez pensando que a madeira nunca ia terminar. Mas infelizmente em muitos lugares acabou. A ganância e o lucro levaram a muitas empresas exportadoras a quase terminar com a floresta amazônica, com a permissividade do Estado e dos governos federais. Nos últimos anos as autoridades competentes acordaram, e fecharam muitas serrarias, para preservar a floresta. Com estas medidas, que chegaram tarde demais, aumentou o desemprego e a pobreza. A floresta marajoara precisa de melhores políticas públicas e de várias décadas para se recuperar.

E como consequência dessa indiscriminada extração da madeira, está acontecendo no Marajó, o mesmo fenômeno que aconteceu na Europa na segunda metade do século XX: Um grande fluxo migratório do campo às cidades. Os bispos da América Latina chamam a este fenômeno: *“A migração motivada pela pobreza”* (DA 90). Abandonar o campo para morar nas cidades está sendo uma moda, que em muitos casos podemos qualificar como moda suicida. Só que na Europa tinham motivos para migrar. Os camponeses encontravam na cidade uma vida mais confortável, através do emprego. Era o grande momento do desenvolvimento industrial. Porém, aqui no Marajó a migração da zona rural até as cidades é diferente. Não se sai do campo para ir até a cidade, a fim de melhorar a vida. A maioria chega à cidade sem nada. Não tem moradia, emprego, alimentação, nada. É como um suicídio. E com esta massiva migração se vão formando nas periferias das cidades bairros de pobreza extrema, com todos os problemas sociais como: fome, violência, pilhagens, tráfico e consumo de drogas, prostituição, etc. Mais uma vez se constata que nas Missões está a geografia da pobreza.

## 2. EXTENSÃO TERRITORIAL E HABITANTES DOS MUNICÍPIOS DO MARAJÓ:

MUNICÍPIO	EXTENSÃO EM KM²	HABITANTES
Breves	9.527	94.458
Portel	25.384	53.257
Afuá	8.372	35.017
Melgaço	6.774	24.808
Anajás	6.921	24.771
Bagre	4.397	23.855
Soure	3.512	22.995
Chaves	13.084	21.138
Salvaterra	1.043	20.159
<b>TOTAL</b>	<b>79.014</b>	<b>320.458</b>

## 3. HISTÓRICO DA DIMENSÃO PASTORAL

A evangelização do Marajó começou no século XVII, realizada pelo ardor missionário das Ordens religiosas como: capuchinos, jesuítas, franciscanos, mercedários e carmelitas. O centro da Missão estava na capital do Estado, Belém do Pará. Desde Belém os missionários faziam incursões por este imenso Estado do Para, chegando também no Marajó. No ano de 1617 chegaram em Belém os primeiros capuchinos. No ano de 1636 chegou o jesuíta Pe. Luis Filgueira, iniciando um grande trabalho missionário dos jesuítas. E no ano de 1658 chegou no Marajó o famoso Pe. Antônio Vieira, o qual demonstrou muito talento e bom trabalho evangelizador, sendo muito respeitado pelos indígenas. No ano de 1661 o Pe. Vieira fundou o povoado de Guaricurú dos Nhecugaibas, que é a atual cidade de Melgaço. E por essa época realizou também trabalhos de evangelização em Portel.

No ano de 1665 o Pe. Antônio Vieira viajou a Roma e seu trabalho evangelizador foi continuado pelos padres Juan Sotomayor e Salvador del Valle.

No final do século XVII, os capuchinos fundaram a Paróquia de Chaves, colocando a Santo Antônio como Padroeiro. Desde esse centro missionário eles irradiavam seu trabalho pastoral em outras localidades, como: Joanes, Monsarás, Soure. Em 1701 registramos os primeiros mártires do Marajó: os franciscanos Pe. José de Santa Maria e Pe. Martin da Conceição, que foram martirizados por uma tribo de índios.

Este começo da evangelização do Marajó perdeu muita força na metade do século XVIII, exatamente a partir do ano de 1759, a causa da expulsão dos jesuítas pelo maçon marques de Pombal. A partir de aí começa a decadência da evangelização, pois as coisas voltaram como estavam anteriormente. Os missionários saíram do Marajó e voltaram a trabalhar por períodos, vindo desde Belém, dando assim origem as famosas desobrigas. Naquela época no Pará só existia a diocese de Belém. Houve também alguma experiência de missionários que moravam no Marajó. Por exemplo, no dia 10 de março de 1902, procedentes de Belém, chegaram em Marajó, os agostinianos recoletos Pe. Sabino Canillas e o Pe. Aquilino Rubio, que assumiram a administração da Paróquia de Chaves, o primeiro como pároco e o segundo como vigário. Porém, aos poucos meses este projeto pastoral

acabou, devido a morte do Pe. Aquilino, ocorrida no dia 30 de agosto do mesmo ano, a consequência da malária. Foi sepultado no cemitério de Chaves, dando assim por encerrada a missão. Por essa época em Afuá havia também um padre italiano. E desde 1908 a 1920 realizaram trabalhos de evangelização em Portel e Breves os agostinianos recoletos Pe. Manuel Navascués, Pe. Julián Bonafuente y Pe. Eulalio Goñi.

Fazendo uma síntese desta primeira época da evangelização do Marajó, podemos dizer que a mesma se enfrentou a muitas dificuldades, como a falta de continuidade dos missionários, as grandes distâncias, os precários meios de transporte, o clima tão diferente, as doenças, as muitas tribos de índios presentes nesta área e algumas bem violentas contra os missionários. Tampouco podemos esquecer que os moradores do Marajó eram grupos étnicos bem diferentes, que procediam de culturas diferentes: índios, africanos e europeus. E a coordenação desta difícil evangelização do Marajó se fazia desde Belém, a capital do Estado.

Pois bem, ante esta realidade, a Santa Sé viu a necessidade de criar uma Prelazia, para assim construir uma Igreja particular na ilha. E no dia 14 de abril de 1928 o papa Pio XI criou a Prelazia do Marajó, por médio da Bula "*Romanus Pontifex*", desmembrada da Arquidiocese de Belém do Pará. Foi confiada aos cuidados da Ordem dos Agostinianos Recoletos da província de Santo Tomás de Vilanova. Foi um desafio muito grande para a nossa Província assumir a Prelazia do Marajó; pois, apenas 3 anos antes, no ano de 1925 havia recebido da Santa Sé a administração da Prelazia de Lábrea, no Estado do Amazonas. E, ao mesmo tempo, foi uma prova de que o espírito missionário da Província de Santo Tomás era muito forte.

No dia 19 de outubro de 1930 o Pe. Gregório Alonso, acompanhado do Pe. Luis Atienza, tomava posse da Prelazia do Marajó em Soure, como administrador apostólico da mesma e pouco depois seria consagrado bispo. Assim começava um projeto sério e organizado pra implantar o Evangelho e construir o Reino de Deus na maior ilha fluvial do mundo. A Igreja particular do Marajó começava a caminhar, sendo organizada e animada por primeira vez desde dentro da ilha. Terminava assim uma época, onde era administrada eclesiasticamente desde Belém, a capital do Estado, com todas as limitações que isto implica, devido às grandes distâncias que separam Belém do Marajó e a necessidade que o rebanho tem da presença permanente do pastor.

Pois bem, aceitando a Prelazia do Marajó, a Província de Santo Tomás de Vilanova demonstra que o espírito missionário está vivo no seu coração. Estar presente em duas Prelazias situadas na bacia amazônica, é sinal de forte espiritualidade e de muita coragem no serviço da Igreja e do Evangelho. Têm vozes que falam que a Província nesses primeiros anos não demonstrou muito zelo missionário, pois eram poucos os missionários enviados às duas Prelazias. Porém, os que assim pensam talvez estejam esquecendo os problemas sérios que a Província de Santo Tomás de Vilanova teve que enfrentar na Espanha, a partir do ano de 1934, por motivos políticos, como nenhuma outra Província da Ordem enfrentou. Passados esses anos difíceis, aos poucos foi se consolidando a atenção a Marajó. De todos é conhecido o alto número de missionários enviados ao Marajó e o grande trabalho pastoral realizado.

Sim nos estranha tanto que o primeiro bispo do Marajó, o agostiniano recoleto Mons. Gregório Alonso, colocasse a sede da Prelazia em Soure, que se encontra em um extremo do território da mesma. Talvez o motivo fosse a maior proximidade de Belém. Desta forma, era mais fácil pôr em andamento este grande projeto com menos dificuldades que se a sede central estivesse no centro geográfico da ilha. Prevaleceu o critério do mais prático no momento. Talvez faltasse uma visão de futuro. Com certeza que hoje a Prelazia seria

melhor administrada desde Breves, que atualmente é a capital da ilha do Marajó. Como é que se pode administrar bem uma Prelazia, demorando um dia para poder chegar desde a sede à maioria das Paróquias da mesma e, à alguma delas, demorar mais de um dia para chegar? No futuro a Prelazia será elevada a Diocese. Talvez seja esse o momento para transferir a sede da mesma até a cidade de Breves.

Quase a totalidade do trabalho missionário na zona rural do Marajó se faz navegando pelos rios. Assim, das dez paróquias, oito delas têm barco próprio. O barco, além de ser um meio de transporte obrigado, ele é a casa do missionário, durante bastantes meses do ano.

Podemos dividir a história da Prelazia do Marajó em duas etapas. A primeira etapa vai desde 1930, ano que Mons. Gregório Alonso tomou posse da mesma, até 1977, período das grandes desobrigas. E a segunda etapa vai desde esse ano até nossos dias. Por que o ano de 1977, ao meu modo de ver, divide a história da Prelazia do Marajó? Que aconteceu de extraordinário nesse ano? Foi a entrada no Marajó dessa brisa gostosa que são as Comunidades Eclesiais de Base, popularmente chamadas de CEBs. Ou seja, um modo diferente de ser Igreja e do trabalho pastoral da Prelazia.

### **1º período: desde 1930 até 1977.**

#### **Época das grandes desobrigas**

Desde o início, os missionários enfrentaram-se a muitas dificuldades. Foi para eles um grande desafio se encontrar com a imensidade dos rios, a frondosidade da floresta, as grandes distâncias, o clima diferente, a pobreza e o analfabetismo da população, as doenças e a falta de meios para combatê-las, etc. O povo não estava agrupado em povoados. As famílias tinham suas casas espalhadas nas margens dos inúmeros rios. Baseados nesta realidade, os missionários deram continuidade ao trabalho pastoral que tradicionalmente se fazia no Marajó. Ou seja, continuaram realizando as desobrigas, passando meses pela zona rural dos municípios, administrando os sacramentos em lugares estratégicos que eram conhecidos pelo povo. Os missionários se sentiam no dever de ir até onde o povo estava, a fim de levar para ele a Palavra de Deus e a graça dos sacramentos. E durante o ano a fé era vivida e partilhada no seio das famílias. Inspirados na parábola do Bom Pastor, os missionários iam atrás das ovelhas, levando o alimento espiritual que precisavam para a sua salvação. Os fieis esperavam aos missionários nas famílias conhecidas, que tinham a casa adequada, onde pudesse acontecer este trabalho de missão. Eram famílias de muita tradição católica, que abriam as portas dos seus lares, a fim de que nelas fosse realizado este trabalho pastoral. Eu, alguns anos depois, ainda conheci algumas destas famílias acolhedoras. E posso dizer que eram pessoas de profunda fé. Posteriormente, as primeiras comunidades eclesiais de base foram fundadas nas casas dessas famílias e os seus patriarcas se tornaram os primeiros dirigentes.

Pois bem, voltando às desobrigas, direi que a chegada dos missionários era esperada com muita ansiedade pelo povo, que acolhiam o padre com muito carinho. Os fieis chegavam navegando pelo rios em pequenos botes, conduzidos pela força dos braços, enfrentando o sol, a chuva, as maresias, a fome, etc. E os missionários enfrentavam dificuldades ainda maiores, pois suas viagens demoravam vários meses. O meio de transporte usado pelos missionários era também o bote a remo. Posteriormente incorporaram a vela, sendo ajudados pelo vento. No Marajó as chuvas são constantes e muito fortes, durante os primeiros seis meses do ano. E, durante os últimos seis meses do ano, o sol é muito forte. Por tanto, já era uma rotina para os missionários enfrentar a chuva e o sol, um dia detrás de outro. Dá para pensar no sofrimento do missionário doente, que se encontrava a bastantes horas da cidade! E os missionários que trabalharam no município de

Chaves, desafiaram também a pororoca e as grandes maresias. Os missionários de hoje reconhecemos com grande admiração a vida heroica dos missionários da primeira época das desobrigas. Agora nossos barcos são confortáveis e tem mais segurança. Nos dois centros de Missão que não se trabalha pelos rios, Soure e Salvaterra, as estradas também melhoraram bastante e os missionários deixaram a bicicleta para viajar com a moto e depois com o carro.

## **2º período: desde 1977 até nossos dias.**

### **Fundação das primeiras Comunidades Eclesiais de Base**

A fundação das primeiras Comunidades Eclesiais de Base aconteceu no ano de 1977, como consequência da reforma suscitada na Igreja pelo concílio Vaticano II. Este importante projeto pastoral começou em Afuá, pelos freis agostinianos recoletos Jesús Cizaurre –hoje bispo da Diocese de Cametá- e Juan Antonio González. Imediatamente as outras Paróquias da Prelazia começaram a fundar as primeiras comunidades, em muitos casos aproveitando as localidades onde aconteciam os encontros das desobrigas na época anterior. Com as CEBs entraram novos ares da vida eclesial. Era uma forma diferente de ser Igreja. As CEBs já estavam se espalhando com muita força pela América Latina, com o concílio Vaticano II como fonte de inspiração. E, ao mesmo tempo, apresentavam a Igreja como Povo de Deus, onde os leigos descobrem seu importante lugar na Igreja, com seus direitos e deveres. Era uma volta as origens, as próprias raízes, a Igreja dos Atos dos Apóstolos: uma Igreja-Comunidade ou, melhor, comunidade de comunidades. Pois as comunidades expressam uma Igreja mais fraterna, alimentada com a palavra de Deus e pela Eucaristia. Uma Igreja missionária que anuncia o Evangelho e uma Igreja profética que tem coragem para denunciar as injustiças sociais. E, por isso mesmo, uma Igreja que incomoda e é perseguida e, portanto, uma Igreja abençoada com o sague de muitos mártires. Uma Igreja na qual os leigos têm seu espaço importante e é muito sensível aos valores da fraternidade, dos direitos humanos, da justiça e da paz. Uma Igreja com uma opção preferencial pela santidade e pelos pobres.

E por que são chamadas de Comunidades Eclesiais de Base? Qual o significado dessas palavras? Pois bem, são **comunidades**, porque os seus membros realizam a convivência e a participação. Eles se reúnem, se conhecem, vivem a fraternidade cristã, vivenciam a amizade. Partilham sua fé, seu tempo, seus talentos. Ajudam-se e caminham juntos. São **eclesiais**, porque se sentem Igreja, Povo de Deus. Vivem em comunhão com seus pastores, celebram os sacramentos, se sentem comunidades missionárias, enviadas para evangelizar. São comunidades **de base**, porque seus membros são pessoas humildes do povo. Tem ainda bastantes analfabetos, pessoas sem cultura, mas com grande sabedoria para conhecer o mistério de Deus. Nelas não existe discriminação, a pesar de que cada comunidade, etnicamente é como um arco íris, uma mistura de cores diferentes em uma maravilhosa harmonia de inclusão, fraternidade, entendimento e comunhão. Todos têm espaço para opinar, realizar trabalhos, descobrir os próprios talentos e coloca-los ao serviço dos irmãos. Como nos falam os bispos da América Latina e do Caribe: *“Nas pequenas comunidades eclesiais temos um meio privilegiado para a Nova Evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos missionários de Cristo”* (DA 307).



FAMÍLIA EM CANOA

Pois bem, depois de mais de 15 anos caminhando com este maravilhoso povo marajoara, tenho que dizer que este modelo de Igreja que aqui temos, a pesar das nossas limitações, está alicerçado nas Comunidades Eclesiais de Base e corresponde a essa Igreja sonhada por Jesus, na qual a fraternidade e o espírito de família são valores importantes. É um tipo de Igreja diferente. Não é a Igreja do eu, e sim a Igreja do nós. Não é a Igreja na qual eu procuro me salvar. É a Igreja na qual eu procuro me salvar juntamente com meus irmãos, a Igreja na qual cada um se empenha na salvação dos outros. A Igreja na qual todos seus membros atuam no mundo como *“discípulos missionários”* de Jesus. Não é a Igreja na qual os leigos são espectadores dos trabalhos pastorais, e sim a Igreja na qual os leigos são protagonistas e assumem suas próprias responsabilidades. A Igreja na qual as Paróquias não só são lugares do culto e sim escolas de fé e de evangelização; são também família, na qual todos se sentem irmãos e vivem como irmãos. Assim, cada Paróquia tenta ser uma comunidade de comunidades. Ou seja, uma grande comunidade formada por comunidades menores. Pois bem, a vivência comunitária é um dos eixos que devem ser procurados na Igreja, conforme nos falam nossos bispos: *“Nossos fiéis procurem comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos. É necessário que nossos fiéis se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial e corresponsáveis em seu desenvolvimento. Isto permitirá maior compromisso e entrega na e pela Igreja”* (DA 226 b). Os missionários do Marajó temos a satisfação de nos declararmos com grande entusiasmo totalmente a favor das CEBs, pois é o que os bispos da América Latina querem: uma Igreja, onde as Paróquias sejam comunidades maiores formadas por comunidades menores.

#### 4. COMO SE ENCONTRA HOJE A MISSÃO?

Depois de 83 anos de trabalho pastoral na Prelazia do Marajó, já foram alcançadas muitas metas e outras faltam ainda por conseguir. Apesar de ser muitas as dificuldades, sabemos que os desafios são grandes e o trabalho da evangelização do povo marajoara e a construção da Igreja particular do Marajó não podem parar. Podemos dizer com grande satisfação que a Prelazia do Marajó caminha com passo firme, a fim de que, um dia não muito distante, possa se tornar Diocese.

Para alcançar esta meta, é importante a situação dos seminários. Pois bem, o seminário menor, que está em Soure, tem 14 seminaristas; e o seminário maior que está em Marutuba, próximo a Belém, tem 10 seminaristas. Está bem organizada a pastoral vocacional, que conta com um padre diocesano totalmente liberado pra realizar este trabalho. A partir do ano de 1990 que foi ordenado o primeiro padre diocesano, o peso da



evangelização está sendo compartilhado pelos sacerdotes diocesanos e pelos agostinianos recoletos.

Atualmente a proporção é a seguinte: 7 paróquias são atendidas pelos padres diocesanos e 3 paróquias são administradas pelos agostinianos recoletos; concretamente estão distribuídos assim:

PARÓQUIA	MUNICÍPIO	SACERDOTES DIOCESANOS	AGOSTINIANOS RECOLETOS
N. Sra. da Conceição	Afuá	2	
Menino Deus	Anajás	2	
Santa Maria	Bagre	1	
Santa Ana	Breves		3
São José	Breves	2	
Santo Antônio	Chaves	1	
São Miguel Arcângelo	Melgaço	1	
N. Sra. da Luz	Portel		3
N. Sra. da Conceição	Salvaterra		2
Menino Deus-Seminário menor	Soure	2	
Seminário maior		1	
Promotor vocacional		1	
<b>TOTAL</b>		<b>13</b>	<b>8</b>

Como o gráfico está nos mostrando, o número dos sacerdotes diocesanos é maior do que os agostinianos recoletos. Realidade diferente de poucos anos atrás, onde todas as paróquias eram administradas pelos agostinianos recoletos. A entrega das paróquias aos sacerdotes diocesanos tem dois aspectos diferentes:

- por uma parte é uma grande satisfação e motivo de grande alegria, vendo que a Prelazia, através dos sacerdotes diocesanos, está em condições de assumir as paróquias.
- por outra parte, é bastante doloroso quando chega o momento da entrega.

Como aconteceu no abril do 2009, ao entregarmos a Paróquia de Afuá, depois de 63 anos de presença agostiniana recoleta e, ao mesmo tempo, olhando para os 30 missionários da Ordem que trabalharam nas duas paróquias de Afuá e de Chaves.

Este crescimento dos padres diocesanos é positivo e está nos falando que já estão aparecendo os frutos da pastoral vocacional da Prelazia. E esta é uma boa notícia, porque justamente esta é a finalidade da Missão: chegar um dia a ser uma Igreja particular bem constituída, capaz de caminhar com seus próprios pés e de ser conduzida por sacerdotes nativos na sua maioria. Porém, a presença dos agostinianos recoletos, sem dúvida deveria ser maior. Será que o espírito missionário não precisa ser reavivado?

A vida religiosa também está presente na Prelazia. Além dos agostinianos recoletos, estão presentes: Agostinianas Missionárias, Irmãs de Santa Ana, Irmãs da Providência do GAP, religiosas de Notre Dame e Filhas da Divina Graça. E as novas comunidades: Nova Aliança, Shalon, Javé Chama, Providência Santíssima, Ágape da Cruz e a RCC do Brasil.

## **5. AUMENTO DA POBREZA NO MARAJÓ:**

### **NOVOS PROBLEMAS SOCIAIS E NOVOS DESAFIOS**

Se sempre a ilha do Marajó, que forma parte do Estado do Pará, que é um Estado pobre, foi um território pobre, abandonado pelos políticos, com uma grande bolsa de pobreza, com um índice de desenvolvimento econômico dos mais baixos do Brasil, etc., podemos dizer que a situação piorou nos últimos anos e as previsões para o futuro não são nada otimistas. A causa de este empobrecimento maior são as últimas normas estaduais e federais para preservar a Amazônia: controle do desmatamento da floresta, fechamento de muitas serrarias, multas às fabricas do palmito, etc. Todas estas medidas, que chegaram com muitos anos de atraso, estão paralisando a zona rural, ocasionando muita emigração para as cidades, com todos os problemas que isto ocasiona, como: alto desemprego, violência, prostituição infantil, uso generalizado de drogas, alcoolismo, etc.

E, como consequência desta nova sociedade que está aparecendo, a Igreja encontra-se ante uma nova realidade com grandes desafios e com o dever pastoral de enfrentar estes graves problemas, como uma Igreja profética, que tem que denunciar, em nome de Jesus, o que atenta contra os valores do Evangelho. São realidades fortes que estão configurando um novo Marajó: por uma parte as injustiças e os problemas sociais, como o desemprego, a pobreza, o baixo índice do desenvolvimento humano, a violência, a prostituição infantil, o uso das drogas, o alcoolismo generalizado, o tráfico humano, a miséria, etc. E por outra parte, a existência das seitas e igrejas protestantes, fazendo uma grande proselitismo, arrebanhando católicos, fato este que está mudando o mapa religiosos do Marajó, chegando alguns municípios a alcançar já 37% da população. Eles estão entrando na política, muitos pastores estão se candidatando nas eleições para, através da política, chegar ao dinheiro público, a fim de desviá-lo em benefício das confissões religiosas que representam e assim se tornar em um instrumento importante para o crescimento das mesmas.

Diante desta situação, os missionários devemos entrar na luta pelos direitos humanos, principalmente dos mais pobres e devemos ajudar ao nosso povo a manter sua identidade católica. Esta Igreja profética que luta por uma sociedade melhor, desde os valores do evangelho, se torna uma Igreja perseguida. Aí está o porquê que o nosso bispo Dom José Luis Azcona está sendo ameaçado de morte: a sua luta por um Marajó menos corruto, mais justo e solidário e com mais desenvolvimento social e econômico.

## **6. PROJETOS SOCIAIS**

Um dos trabalhos mais importantes realizados no Marajó nos últimos anos são os projetos sociais que funcionam nas paróquias e que têm como objetivo ajudar ao povo carente nas áreas da educação, saúde, alimentação, etc. Ou seja, paliar o sofrimento do povo, através dos referidos projetos sociais. Mas, através dos projetos sociais, alcança-se também outro importante objetivo: a evangelização das pessoas beneficiárias e o incentivo para que essas pessoas participem da Igreja e não a abandonem. Os projetos sociais da Igreja contribuem para frear o crescimento das seitas e igrejas protestantes. Através do funcionamento dos projetos sociais, muitas pessoas descobrem o seguinte: As seitas e as igrejas protestantes exploram o povo carente e sofredor. Porém, a Igreja Católica não explora o povo e mostra um amor preferencial pelos pobres. Portanto, os projetos sociais têm também uma dimensão importante de evangelização, por isso que a Igreja Católica é a mais valorizada pela sociedade.



CRIANÇAS E PAIS DO *PROJETO ESTRELA* DA ONG HAREN ALDE

### 7. IMPORTANTE TRABALHO PASTORAL REALIZADO NO MARAJÓ

Apesar de que uma Prelazia é uma Igreja particular que está se formando, com muitas carências e limitações e, portanto, precisa de muita ajuda de fora; porém, em Marajó existem bastantes coisas positivas, como resultado de muitos anos de trabalho. Em geral, funcionam bem muitas pastorais, existem grupos muito atuantes e comunidades bem organizadas e com bastante participação. Todas as paróquias têm uma boa organização e pastoralmente estão bem estruturadas. Por exemplo, a pastoral da juventude envolve a muitos jovens, tanto na cidade como nas comunidades da zona rural. A catequese envolve a muitas crianças e adolescentes e assim por diante.



MÉIO DE TRANSPORTE

## 8. A PRELAZIA DO MARAJÓ EM NÚMEROS NO 2013

Paróquia	CEB's cidade	CEB's interior	Catequistas	Catequizand os na cidade	Catequizand os no interior	Pastoral da Criança	Ministros E. da Comunhão	Batizados no 2012	Crismados no 2012
AFUÁ	8	81	67	163	118	450	100	452	90
ANAJÁS	4	38	70	450	130	600	20	202	11
BAGRE	1	37	62	150	180	350	03	213	38
BREVES: S. JOSÉ	4	88	30	333	120	412	38	724	97
BREVES: STA. ANA	5	96	20	273	117	450	34	458	62
CHAVES	0	68	22	131	47	200	05	175	22
MELGAÇO	3	37	65	259	130	330	03	184	33
PORTEL	7	95	98	980	995	292	34	847	49
SALVATERRA	7	25	31	210	115	406	39	202	57
SOURE	7	4	33	217	101	880	32	318	57
<b>TOTAL</b>	<b>46</b>	<b>619</b>	<b>498</b>	<b>3.166</b>	<b>2.053</b>	<b>4.270</b>	<b>308</b>	<b>3.775</b>	<b>516</b>



**DOM JOSÉ LUIS AZCONA, OAR**  
**BISPO PRELADO DO MARAJÓ**

## 9. LISTA DOS SACERDOTES ATUALMENTE NA PRELAZIA

*A/ Sacerdotes diocesanos:* Pe. José Antônio Vasconcelos Farias, Pe. Antônio Ribeiro Neto, Pe. Manoel Maria da Costa Nunes, Pe. Silvio da Conceição Oliveira, Pe. Adenilson Sousa dos Santos, Pe. José Otávio da Silva Gomes e Pe. Glausiney Pinheiro.

*B/ Sacerdotes diocesanos, que prestam serviços na Prelazia:* Pe. Kazimierz Antoni Skorski, Pe. Tadeusz Sepek, Pe. Élcio de Assis Machado, Pe Clayton Ferreira Teles e Pe. Marco José de Almeida.

*C/ Sacerdotes agostinianos recoletos:* Fr. José Luis Rodrigues, Fr. Cleto Millán García, Fr. João Antônio González Espejel, Fr. Edson Barbosa de Brito, Fr. Manoel Santana, Fr. Walben da Silva Monteiro, Fr. José Gabriel Rodrigues Puentes, Fr. Paulo José de Castro e Fr. Clebson de Souza Rodrigues (ainda não foi ordenado).

## 10. CONCLUSÃO

Para a nossa Província de Santo Tomás de Vilanova, Marajó deve ser um ponto de referência importante para viver a dimensão missionária da nossa vida religiosa. Marajó significa muito para nós. É na Missão que, ao longo de mais de 80 anos, muitos religiosos entregaram parte da sua vida ao serviço do maravilhoso povo marajoara. Que esta longa história da presença dos agostinianos recoletos no Marajó sejam para toda a Província motivo de agradecimento para Deus pela entrega dos muitos religiosos que aqui gastaram sua vida pelo Evangelho. E, em muitos casos, pelo heroísmo demonstrado nos trabalhos da evangelização. Marajó constitui um imenso campo de evangelização, que abre suas portas para que possam entrar novos missionários. O trabalho por fazer é grande, mas os operários ainda somos poucos. Marajó precisa de missionários! Você quer experimentar esta maravilhosa aventura missionária?

Fr. Cleto Millán, oar  
Missionário no Marajó